

TRAÇO GERADO POR UM MOVIMENTO, MOVIMENTO GERADO POR UM SOM – UMA PROPOSTA EM ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO I

VERONICA DE LIMA¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – veronicadelimamf@hotmail.com* 1

²*Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com* 2

1. INTRODUÇÃO

Essa atividade foi realizada a partir de uma proposta na disciplina de Artes Visuais na Educação I, integrante do currículo do terceiro semestre do curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Tem como objetivo trabalhar as formas expressivas que podem ser cultivadas desde a infância à fase adulta, buscando compreender os processos educativos das artes visuais nas escolas, verificando de que modo o desenho pode contribuir para o processo criador e expressivo nas práticas artísticas.

A atividade foi realizada em julho de 2018, e o título do trabalho foi “Traço gerado por um movimento, movimento gerado por um som”, pensando em como a música nos proporciona liberdade de expressão. Ela foi aplicada para um estudante de Cinema de Animação (CA/UFPel), Jeferson Corrêa Gomes de 23 anos; o acadêmico já realizava desenhos realistas (Figura 1), os quais exigem uma precisão técnica. A proposta era escapar de sua rotina desenhista, analisando como o desenho com enfoque na técnica pode ter repercussões na expressividade de quem os desenha. Conforme CUNHA afirma: “Expressar não é responder a uma solicitação de alguém, mas mobilizar os sentidos em torno de algo significativo, dando uma outra forma ao percebido e vivido” (1999, p. 25).



Figura 1 – Releitura da Santa Ceia, 20 nov. 2016.

2. METODOLOGIA

A atividade foi realizada em sua residência, e no início foi mostrado vídeos do artista francês Raphaël Decoster o qual trabalha com a proposição de desenhos realizados a partir do som. Foram disponibilizados materiais, como: canetas hidrográficas, tinta nanquim, corretivo, lápis de cor, giz pastel seco, lápis carvão, barra de carvão e giz de cera, etc. além de um metro e vinte centímetros de papel Kraft para realização do trabalho. Em seguida sugeri que ele escolhesse uma música na qual se sentiria à vontade para se expressar, a escolha foi *Light of the Seven*, trilha sonora da série *Game of Thrones*, após demos início a proposta, ele optou pela utilização de carvão e nanquim, materiais que já tem mais familiaridade.

Apesar da experiência estar sendo realizada com um adulto, é possível pensar na mesma possibilidade expressiva para a educação de crianças. Pensando acerca da educação infantil, que tantas vezes discutimos em aula, vislumbro na afirmação de OSTETTO possibilidades para o ensino de arte.

Da mesma forma com outras linguagens, seja a música ou a literatura: se não for disponibilizado um repertório diversificado, com constância, permitindo o contato, chamando ao encontro, à aproximação com aquela sonoridade muitas vezes estranha, àquele enredo ou imagem incomum, à primeira vista, as crianças poderão negar a recepção, a fruição daqueles materiais novos. Em outras oportunidades, é provável que nem mesmo solicitarão para ver, ouvir, cantar ou manusear. Para que a escolha se faça, é imprescindível disponibilizar acervos que, como dizíamos, ampliem as relações das crianças com o universo artístico-cultural e, com isso, ampliem suas possibilidades de criação (OSTETTO, 2011, p.7).

A prática durou cerca de 10 minutos, tempo de duração da música, e foi muito interessante o processo do desenho (Figuras 2 e 3), sendo muito nítida a liberdade de expressão durante o trabalho. Fiz questionamentos como: Como foi pra você essa experiência? E ele respondeu que foi muito bom, pois: “era um período de fim de semestre onde tem uma pressão muito grande em questão de prazos para entregas de trabalhos”. Então pra ele foi libertador, se expressar mais livremente para expor o que realmente estava sentindo.



Figura 2- Processo inicial do desenho

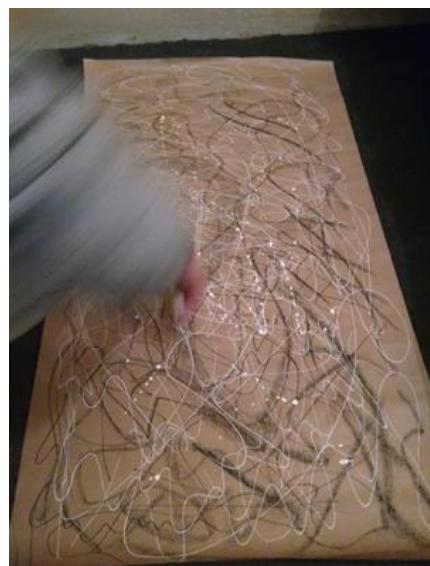


Figura 3- Processo final do desenho

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino das artes visuais necessita ser questionado, renovando fazeres e abrindo espaço para a expressividade dos alunos nas escolas. Entendo que poderemos ir mudando aos poucos as formas propositivas de ensino, possibilitando o interesse e a curiosidade no fazer artístico.

Um professor que entra em sintonia com as formas de vinculação de cada estudante com o saber, está mais apto a instigar o aluno a atribuir significado à arte, resolver problemas ao fazer artístico e propor questões com suas poéticas pessoais, desenvolvendo critérios de gosto e valor em relação às suas atividades artísticas e de seus pares- e aos objetos da arte. A consciência de si com alguém capaz de aprender é uma representação que pode ser construída ou destruída na sala de aula. Daí a enorme responsabilidade das escolas e dos professores no ato de ensinar a gostar de aprender arte (IAVELBERG, 2008, p.10).

Nesse sentido, o professor deve se colocar como um interlocutor privilegiado, analisando cada aluno e vendo suas necessidades, dando suporte às crianças em suas criações, pois isso lhes permitirá futuramente uma liberdade nas formas de expressão, não apenas no quesito artes visuais, como também nas suas relações sociais.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se com este trabalho que é importante levar aos adultos e crianças diferentes possibilidades de representações artísticas para o desenvolvimento da expressão gráfica. É relevante pensar que o professor, desde a pré-escola, tem um papel fundamental na mediação dessas manifestações.

Como futura professora, acredito que esta atividade poderá ser aplicada em diferentes faixas etárias, pois além de possibilitar uma experimentação de diferentes materiais, vai além, desenvolvendo um contato maior dessas crianças, jovens e adultos, com o lúdico. Essa interação será muito proveitosa para ambas as partes, pois muitos professores de Artes Visuais não tiveram essa oportunidade na escola, e isso irá possibilitar que os mesmos se conectem com suas formas de expressão e poder imaginativo, promovendo a criação e expressão das crianças e jovens. Conforme acentua OSTETTO (2011, p. 13): “Vejo o educador como essa pessoa-chave para mediar os caminhos da criança no mundo simbólico da cultura, da arte. E nesse caminhar, na experiência compartilhada, ele vai aprendendo a reparar em seu ser poético”.

Em relação a minha experiência com a realização desta proposta, considerei produtiva pelo incentivo ao Jeferson fazer mais pinturas e trabalhos com esse caráter abstrato, proporcionando a ele maior liberdade expressiva do que ocorre com trabalhos realistas, os quais ele já trabalhava. E para mim, eu consegui perceber e refletir sobre diferentes atividades que eu posso trabalhar em quanto professora, que poderá ser um fonte de saberes tanto para mim quanto para meus educandos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IAVELBERG, R. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

CUNHA, S.R.V. **Cor som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

OSTETTO, L. E. **Educação Infantil e Arte:** Sentidos e Práticas Possíveis. Acervo Digital da UNESP, 2011. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320> Acesso em: 27 ago. 2018.